

## Notas sobre práticas artísticas e experiência estética em John Dewey

*Lucyane De Moraes*

Doutoranda em filosofia/UFMG, bolsista CAPES

### Resumo

Esse trabalho nasce do intento de organizar as contribuições estético-teóricas do filósofo e pedagogo John Dewey. A abordagem da discussão proposta implica no aprofundamento e tentativa de compreender os processos de produção e recepção da arte. Tal entendimento deve ser incorporado pela estética na medida da necessidade que dela tem a arte, tendo em vista - como assinala Dewey - o fracasso da crítica artística no desempenho de sua função. A discussão do tema, longe de ser conclusiva, é orientada pela ideia de arte em um sentido historicamente configurado, considerando que cada momento histórico origina novas concepções relacionais sobre questões e práticas artísticas.

Palavras-chave: Estética, John Dewey, Recepção da arte, Crítica artística.

---

### Reflexões sobre arte e experiência estética

Considerando que o sentido estrito da estética é determinado pela impossibilidade de a mesma ser constituída tanto de conceitos quanto da experiência, entende-se que somente a reflexão filosófica, como alternativa,

auxilia a estética no que tange ao entendimento de que ambos, conceitos e experiência não se polarizam, mas, antes de tudo, se encontram mediados um no outro. Ao incorporar novos problemas e expandir a noção de experimento, Dewey objetiva dar um novo sentido histórico-estético à noção de arte como experiência, ampliando sua acepção para discursos mais próprios à modernidade. Sendo assim, sua contribuição sobre arte vai além de outras reflexões sobre o tema, evidenciando as relações que se estabelecem entre arte, conhecimento e natureza, analisando a arte como um equilíbrio de forças orgânicas entre a criatura e seu meio, ou seja, como parte constitutiva das “criaturas vivas” e das “coisas etéreas”.

Se à arte do período barroco era inerente o aspecto da funcionalidade, fosse através das práticas religiosas ou dos usos sociais para o entretenimento, as próprias transformações sociais ocorridas e que determinaram os progressivos avanços dos meios técnicos produziram as condições históricas propícias para a arte também avançar no sentido da busca de seu ato expressivo, bem como observa Dewey: “O passado se transpõe para o presente, expandindo e aprofundando o conteúdo deste último. Aí se ilustra a tradução da pura continuidade do tempo externo para a ordem e organização vitais da experiência”. (DEWEY: 2010, p. 91).

É somente a partir do momento em que a arte historicamente revela de forma clara às contradições da sociedade, que seu desenvolvimento caracteriza-se pela relação simbiótica (ou seja, diática) significativa entre sujeito e objeto. Conforme assinala o sociólogo Georg Simmel, a díade designa um par de coisas e organiza certos tipos de elos sociais no qual a individualidade de uma das coisas é eliminada em detrimento da unidade do seu par, de forma a atender as necessidades equivalentes a cada objeto-par. Neste sentido, Dewey (defensor do pensamento diático) entende que o artista estabelece uma relação dialogal com o estado de desenvolvimento do controle sobre a natureza, sendo a obra artística, enquanto trabalho social, aquilo que decorre da relação com o mundo objetivado. Tal processo de objetivação, que rege as sociedades modernas, constituído enquanto um sistema irá determinar a configuração da

totalidade das relações socioculturais em todos os setores da vida produtiva, incluindo a própria produção artística. Sob esta ótica, a arte não pode prescindir daquilo que lhe é imanente enquanto subjetividade, o seu ser-em-si que é a sua verdade, devendo, ao mesmo tempo responder às questões problematizadas pela sociedade, sendo esta uma sua condição social. Tal relação diática irá se caracterizar enquanto arte e como produto social do trabalho. A esse respeito afirma Dewey:

O que é verdade que a própria arte não estará segura, nas condições modernas, enquanto a massa de homens e mulheres que faz o trabalho útil do mundo não tiver a oportunidade de ficar livre para conduzir os processos de produção, e não for ricamente dotada da possibilidade de gozar dos frutos do trabalho coletivo. Que o material da arte seja extraído de toda e qualquer fonte e que os produtos artísticos sejam acessíveis a todos, essas são as demandas junto às quais a intenção política pessoal do artista é insignificante (DEWEY: 2010, pp. 577-578).

Sendo assim, a interação entre a subjetividade artística e a objetividade dos meios se dá através do material artístico, organizado pelo artista em conformidade com uma sua lógica própria, sendo tal procedimento aquilo que determina o coeficiente de liberdade dele (artista) não somente em um sentido individualizado, mas sim social, respondendo artisticamente ao conjunto de problemas colocados por sua época: “A obra ocorre quando um ser humano coopera com um produto de tal modo que o resultado é uma experiência apreciada pelas suas propriedades libertadoras e ordeiras” (DEWEY: 2010, p. 381). Nesse sentido, entende-se que pensar a arte significa considerar seu desenvolvimento a partir do seu próprio material, significando dizer que as formas, as técnicas e até mesmo a própria subjetividade da arte encontra-se permeada de historicidade: “A atividade que é livre, do ponto de vista do eu, é ordenada e disciplinada pelo lado do material objetivo que passa por uma transformação” (DEWEY: 2010, p. 483). Compreende-se, pois, que como artefatos, as obras de arte possuem uma vida singular na medida em que, enquanto realizações humanas e enquanto produto do trabalho social, as obras não possuem uma ligação imediata com os homens; elas vivem como artefatos devido a sua própria essência ou natureza, não importando o lugar ou a época em que surgiram; vivem porque falam de uma verdade dos objetos naturais e

dos sujeitos que as criaram e falam graças a uma comunicação *sui generis* que se estabelece com a realidade concreta. Tal forma de comunicação abriga elementos de empiria, ao mesmo tempo em que ela própria se opõe a empiria através de sua elaboração formal. Nesse sentido, a obra de arte não pode ser vista apenas do ponto de vista daquele que a contempla ou daquele que a produz: a obra tem de ser vista em si mesma, em sua linguagem característica, relacionada com o todo, espelhando a realidade concreta da sociedade. Daí o entendimento de que a arte é uma continuidade de segmentos do pensamento subjetivo e da ação objetiva construídos em diversos contextos históricos, sendo cada um de seus momentos o reflexo de expressividade característica, como explica Dewey:

A obra de arte é um desafio à execução de um ato similar de evocação e organização, através da imaginação, por parte daquele que a vivencia. Ela não é apenas um estímulo a um curso de ação manifesto e um meio para adotá-lo. Esse fato constitui a singularidade da experiência estética, e essa singularidade, por sua vez, é um desafio ao pensamento. Em especial, é um desafio ao pensamento sistemático chamado filosofia, porque a experiência estética é a experiência em sua íntegra (DEWEY: 2010, p.472).

Analogamente, pensar a estética como experiência filosófica também vai significar pensar sobre uma égide historicista, na qual em cada um de seus momentos os filósofos de seu tempo encontraram uma possibilidade de pensar a arte de cada época determinada sob a ótica de um determinado contexto histórico e social. Ocorre que na história da filosofia, diferente de outras disciplinas do pensamento, o entendimento sobre a questão estética não se desenvolveu em um sentido único, apresentando-se de diversas formas e em diferentes perspectivas (apesar da unanimidade quanto à importância da arte para a filosofia atribuída como expressão do conhecimento), distinguida em uma totalidade de teorias que contemplaram tanto o aspecto da experiência sensível quanto a formulação de intrincados sistemas filosóficos calcados na racionalidade. Se em uma perspectiva postulava-se enquanto essência a beleza natural da obra de arte, por outro, as reflexões recaíam sobre a relação empírica do gosto ou mesmo de uma metafísica do belo, constituindo modelos de pensamento sobre a dimensão estética da arte que influenciaram em

diversas instâncias a vida social enquanto forma singular de expressão do conhecimento.

Assim, Dewey adota a estética como instrumento fundamental para o pensamento artístico, entendendo que pensar sobre a relação entre arte e filosofia significa perceber o seu sentido social de modo a apreender a historicidade intrínseca de ambos os conceitos. Contudo, a questão da arte para Dewey está para muito além da reflexão artística, adquirindo relevância supra no âmbito de uma perspectiva da estética como experiência. Desta feita, a estética enquanto pensamento formulado como teoria, desempenha importante função tanto no processo cognitivo quanto no de apreensão do conhecimento de forma sinestésica. Diferente da diversidade de pensadores que refletiram a estética sob uma ótica mais restrita, para Dewey a arte, que não pode ser destituída de uma vivência, somente pode alcançar tal dimensão quando vinculada a uma experiência. ....

Refletindo sobre a possibilidade de conciliação entre procedimentos artísticos e estéticos, caberá à filosofia, como tarefa teórica, conceber as categorias do tradicional como sendo categorias em situação provisória, pois, talvez o que exista ainda de estético na arte contemporânea sejam as categorias tradicionais em estado de dissolução, cabendo à estética dar consequência a este processo. Ainda, entendendo que não é tarefa da estética determinar regras para a arte na medida em que estas constituem a sua própria razão de ser, infere-se que a estética deve ser desenvolvida no sentido de uma reflexão sobre a arte, o que dificilmente ela poderia fazer a partir de si mesma. Embora em seu sentido filosófico a estética tenha perdido a sua relevância, para a arte, no entanto, a sua necessidade adquire força de significado não normativo, para além de seu sentido tradicional, sob a forma de uma teoria da arte:

[...] Assim, impõe-se uma tarefa primordial a quem toma a iniciativa de escrever sobre a filosofia das belas-artes. Essa tarefa é restabelecer a continuidade entre, de um lado, as formas refinadas e intensificadas de experiência que são as obras de arte, de outro, os eventos, atos e sofrimentos do cotidiano universalmente conhecidos como constitutivos da experiência. (DEWEY: 2010, p.60).

Do mesmo modo, aquilo que caracteriza a estética hoje é o que faculta à arte a capacidade de incorporar a si mesma o caráter reflexivo levado a tal extremo que não reste qualquer possibilidade a esta de sobrepor-se a si mesma como um elemento distanciado de si próprio. Enfim, em sua condição de indiferença determinada, a arte que importa deve valer-se unicamente de uma experiência estética que, caracterizada por seu efeito sinestésico e por sua força de reflexão, se supera e se insere, ao mesmo tempo e no mesmo nível, a tendências mais avançadas.

### **Considerações finais**

Entende-se, pois, que a obra de arte não pode ser mero estimulante do gozo e do prazer, significando dizer que a relação com a obra de arte não deve ser instituída como forma de distração, como mero objeto ou como simples mercadoria da qual se pode apossar. Ainda assim, deve-se levar em consideração que também o prazer e o gozo não podem estar ausentes do processo artístico enquanto elementos do processo de fruição estética, uma vez que é também através da “complacência sensível” que se completa a experiência estética. Entretanto, esta complacência deve ser complementada por um conhecimento que se dá de forma subjetiva por parte de quem frui, sendo necessário que este saiba descobrir a verdade da obra de arte na sua inverdade.

Se a arte fosse um poder reconhecido na associação humana, e não tratada como o gozo de um momento de ócio ou de um meio de ostentação, e se os princípios morais fossem entendidos como idênticos a todos os aspectos de valor compartilhados na experiência, o ‘problema’ da relação entre arte e moral não existiria. (DEWEY: 2010, p. 583).

Sob essa ótica, referindo-se ao fato de que à arte é inerente o processo sinestésico, infere-se que a capacidade reflexiva de julgamento determina de forma subjetiva aquilo que caracteriza as obras de arte em si. Soma-se a isto o fato de que, enquanto pensamento filosófico, a estética procura refletir sobre a origem de toda manifestação artística enquanto condição de possibilidade, sendo a arte aquilo que atua como mediação entre a compreensão prática e o entendimento teórico, tendo como objetivo apreender suas singularidades.

**Referência bibliográfica:**

BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALEFFI, R. **Fundamentos da crítica da arte**. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 1981.